

SANTO AGOSTINHO – POR UMA HERMENÊUTICA EDIFICANTE

Nilton José dos Anjos de Oliveira -(doutorando em
Ciência da Literatura, Teoria Literária, UFRJ)

Resumo

O trabalho a ser apresentado constitui-se boa parte do primeiro capítulo de nossa tese sobre Frei Luis de León. Tendo sido um dos grandes autores hispânicos do século XVI – organizador e defensor da obra de santa Teresa d’Ávila, professor da Universidade de Salamanca, poeta, bem como tradutor humanista da tradição religiosa – sofreu e quis sofrer influência direta dos grandes padres da Igreja, particularmente, Agostinho de Hipona.

Assim, para melhor compreendermos a elaboração realizada por Luis de León tornou-se necessário nos aprofundarmos minimamente a respeito do método sugerido por Agostinho para a interpretação e compreensão do texto sacro, desenvolvido primordialmente, no seu *Da Doutrina Cristã*. Para Agostinho, antes e acima de tudo, o mais relevante é que a interpretação das sagradas escrituras, conduza - aquele que se propõe a interpretá-la – à edificação, portanto, à caridade.

Inseridos estamos numa mesa que visa expor: questão de método. Temos assim, que a questão diz respeito ao método, ao caminho a seguir, onde a própria questão seria: qual o caminho a ser seguido?; ou diferentemente, o caminho antevisto, definido, descrito, é ele mesmo, enquanto certeza, posto em questão; ou, enfim, invadidos que estamos contemporaneamente pela certeza da incerteza estaríamos somente enunciando: a diferença reside tão somente no método.

Qual dessas questões de método interessa a Agostinho? Todas essas nuances da questão de método acometeram Agostinho, mas numa delas ele descansou. Ele pôs a certeza em questão enquanto percorreu as diferentes escolas filosóficas que ele acolhia ou que sentia que poderia colher alguma coisa. Seu epicurismo perdia a força na mesma proporção que se punha em contato com os maniqueus, por sua vez, seu maniqueísmo começava a perder o sentido na mesma proporção que travava conhecimento com o neoplatonismo, etc. Errante foi acometido pelo ceticismo onde a suposta multiplicidade de caminhos – fundidos de modo tão intenso - sugeria e sugere um desencaminhar-se: meios, mediações sem nenhuma finalidade: a diferença reside no método. A diferença reside no caminho. Mas, caminho para onde? Agostinho, enfim, descansa já que se depara com uma finalidade. É a finalidade que se dá à vida que nos diferencia, no entanto, essa diferença só é percebida no caminho pois que ele é o lugar por excelência onde a diferença pode, na pior das hipóteses, ser notada. No entanto, a diferença que reside no caminho, em Agostinho, é compreendido como *o diferente reside no caminho*, justamente pelo fato dele não residir em minha casa, onde casa por sua vez assume a figuração de não comungar dos mesmos anseios e buscas. No entanto, o diferente para Agostinho não é um outro indivíduo. Inicialmente, o diferente para Agostinho é propriamente Deus, já que a diferença entre os homens tem um termo comum: a sua humanidade. Ou seja, por maior que seja a diferença entre os homens, eles podem se comparar entre si. No entanto, quando Agostinho se aproxima, ou melhor, se converte ao cristianismo ele se depara com uma novidade: esse Deus que se diferencia dos homens, encarnou-se, tornou-se humano, portanto, ele é um homem-Deus ou Deus-homem: ele é transcendente na imanência, bem como, um

imane que transcende. Desse modo, ele guarda similaridades com os homens na sua diferença divina. Mas, o mais relevante para Agostinho é que esse Deus encarnado, é amor. Portanto, é a partir do amor que Deus nos une a Ele, como também, pode unir os homens entre si. Portanto, o caminho está desde sempre proposto¹ e é uma proposição do amor, no amor e para o amor: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, [que] quer dizer, eu sou onde se vai, onde se chega e onde se permanece². Assim temos que, o homem se posiciona diante de Deus que é concomitantemente preposição, posição e proposição. Ao homem resta, nesse pôr-se diante de Deus, permitir que Ele se imponha.

Dizíamos que é a finalidade que diferencia o caminho, no entanto, quando Agostinho aproxima-se do cristianismo percebe que o amor não é um objeto posto num ponto futuro ou distante, portanto, não é algo a ser alcançado, mas sim um ato de abertura. Abrir-se para o amor é assim amar. Tudo aquilo que contribui para o amar é desde já e sempre amor. Todo aquele que distribui amor, em verdade, só está retribuindo o que, desde sempre e já, recebeu; por isso Agostinho poderá afirmar no seu *Instrução aos catecúmenos*, se não queres dar amor pelo menos pague pois que alguém te amou primeiro. Ou como diria santa Teresa D'Ávila: onde não houver amor, plante, e ele nascerá. Portanto, Agostinho, quando depara-se com esse Deus que é amor, confirmará que a finalidade que diferencia é princípio (pois sempre esteve), bem como, meio. Deus é diferente do homem porque seu querer é poder (amar gratuitamente). O homem, por sua vez, nem sempre pode o que quer e nem sempre quer o que pode. Isso não diz respeito a todos os movimentos e indecisões do homem, já que para Agostinho há tão somente um momento de decisão, quando ele é chamado a amar gratuitamente, ou então, continuar amando em troca de. Existe portanto uma escolha a ser feita, pois que ninguém poderá existir sem amar, mas a questão é: amar o quê? Pois não nos é de modo algum ordenado

¹ “Apanhar o que tu mesmo jogaste ao ar nada mais é que habilidade e tolerável ganho; somente quando, de súbito, deves apanhar a bola que uma eterna comparsa de jogo arremessa a ti, ao teu cerne, num exato e destro impulso, num daqueles arcos do grande edifício da ponte de Deus: somente então é que saber apanhar é uma grande riqueza, não tua, de um mundo”. R. M. Rilke. Cf. Hans-Georg Gadamer. *Verdade e Método I*, p.10. trad. Flávio Paulo Meurer. 5ª ed. Petrópolis: ed. Vozes, 2003.

²Agostinho. *De la doctrina cristiana* p.103. Madrid: BAC, 1957.

amar, mas sim escolher o que amaremos³. É a respeito desse amor gratuito que são Bernardo de Claraval dirá, quando interrogado sobre a vantagem de amar a quem não nos ama: o amor com o amor se paga. Afirmção que padre Antônio Vieira parodiará: um amor com outro amor se apaga. No místico cisterciense, o maior benefício para aquele que ama é amar. Para Vieira, conhecedor que era dos apegos humanos, a caridade triunfará sem que as outras formas de amor deixem sequer vestígios, como o sol que anoitece todas as outras estrelas. Assim, escolher o mundo é tornar-se concupiscente, em contrapartida, deixar-se escolher (abrir-se) pela graça divina é tornar-se instrumento da caridade⁴, portanto, co-criador.

Foi a partir da leitura da sagrada escritura que Agostinho encontrou-se com a fala divina da caridade. Esta não é tão somente uma chave de leitura para o texto sacro, mas o fundamento do texto. No entanto, para Agostinho, de nada valeria interpretar todo o texto sacro sem identificar-se com a mensagem. Ou para ser mais exato, a questão mais relevante que o texto bíblico pode propor é: vivencio ou não a caridade nas mais diversas esferas do humano? Assim, aprofundando uma afirmação supracitada: a caridade não é uma chave de leitura para o texto sacro, mas o fundamento da vida. Assim Agostinho poderá dizer:

O que julga haver entendido as divinas escrituras de alguma parte delas, e com esta inteligência não edifica este duplo amor de Deus e do próximo, ainda não as entendeu. Porém quem houvera deduzido delas uma sentença útil para edificar a dupla caridade, mesmo que não diga o que se demonstra haver sentido naquela passagem o que a escreveu nem se engana com prejuízo, nem mente⁵.

³ Agostinho. *Sermões* (XXXIV). Madrid: BAC, 1982.

⁴ Agostinho. (1957), p.213.

⁵ IDEM, p.105.

A verdade o homem poderá encontrar em seu interior, no entanto, ele não é a Verdade:

Entra dentro de ti mesmo, porque no homem interior reside a verdade (...) Encaminha, pois, teus passos ali onde a luz da razão se acende. Pois, aonde se dirige todo bom pensador senão à verdade? A qual não se descobre a si mesma mediante o discurso, senão é, mais corretamente, a meta de toda dialética racional. (...) Confessa que tu não és a Verdade já que ela não se busca a si mesma...⁶

Repitamos: para Agostinho a caridade é método e critério para a interpretação da existência, por consequência, ela é método e critério para a interpretação do texto bíblico. O livro sacro só é de fato aberto quando quem o lê abre-se para ele. É ele que enfim não nos pergunta, mas sim nos interroga - pois que entre pergunta e interrogação disseram os antigos que existia esta diferença: que à pergunta se pode dar muitas respostas, porém à interrogação só se responde: sim, ou não⁷ - amarás?

Mas, se de qualquer maneira, aquele que lê a sagrada escritura insistir em interpretá-la sem interpretar-se (eticamente), resta contudo lembrá-lo de que estará tentando pelo menos compreender (historicamente) aquilo que – para o bem e para o mal – constitui a nossa herança cultural, pois, como afirma Gianni Vattimo:

Para interpretarmos o mundo e avaliarmos as alternativas éticas só podemos fazer referência ao apelo que nos é oferecido pela história na qual já estamos sempre envolvidos: um apelo que não fala em unísono, que não é absoluto, e que nos empenha como intérpretes.

⁶ Agostinho. *De la verdadera religión*, p.159. Madrid: BAC, 1948.

⁷ Agostinho. (1957), p.199.

Decidirmos interpretar a nossa proveniência como destinada ao enfraquecimento já é certamente uma maneira de assumirmos de modo explícito a herança judaico-cristã que trazemos em nós. Todavia, a afirmação desta herança também é uma interpretação: e daí? Estamos dispostos a abandoná-la caso alguém nos proponha uma outra melhor, porém, não renunciaremos a ela com base no argumento “realista” de que ela seja “somente” uma interpretação⁸

⁸ Gianni Vattimo. *Depois da Cristandade – por um cristianismo não religioso*, p.67. trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: ed. Record, 2004.